



---

**“Nós também queremos falar”: O professor que escuta seus alunos, concede um espaço de reflexão e ressignificação no processo de aprendizagem.**

---

Daiane de Souza Cabral

MATINHOS  
2018



Ministério da Educação  
Universidade Federal do Paraná  
Setor Litoral



## **MONOGRAFIA FINAL DE ESTÁGIO**

Trabalho com vista à conclusão do curso de  
Licenciatura em Ciências da Universidade Federal  
do Paraná Setor Litoral.

Apresentado pela aluna: Daiane de Souza Cabral, com  
Orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Suzana Cini Freitas Nicolodi

**Matinhos, Novembro/2018**

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora -Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Suzana Cini Freitas Nicolodi  
Universidade Federal do Paraná

---

Prof<sup>ª</sup>. Me. Ana Maria Franco  
Universidade Federal do Paraná

---

Prof. Dr. Luiz Fernando de Carli Lautert  
Universidade Federal do Paraná

Dedico esta monografia a minha falecida mãe, pelo exemplo de coragem e simplicidade que com muito carinho me ensinou o caminho da verdade e da honestidade.

À minha avó Teresa, que é a pessoa mais forte e corajosa que conheço, sem o apoio dela eu não teria alcançado essa conquista.

À minha filha amada, Maysa, que foi uma das fontes de minha inspiração, que me compreendeu nos momentos em que meu tempo não poderia ser somente dela

À toda minha família. pelo apoio. E aos meus colegas de Curso que contribuíram para o meu crescimento e aprendizagem.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS, que me deu força e coragem para vencer todos os obstáculos e dificuldades enfrentadas durante o Curso, que me socorreu espiritualmente, dando-me serenidade e forças para continuar.

À minha querida professora Suzana Cini Freitas Nicolodi, que orientou-me com todo carinho, acreditando na possibilidade da realização deste trabalho. Pelo seu incansável e permanente encorajamento, pela disponibilidade dispensada e sugestões que foram preciosas para a concretização desta monografia.

Aos meus pais, Edinaldo Gonzaga de Souza e minha falecida mãe, Maria Aparecida da Silva Souza, que me proporcionaram uma boa infância, deram-me uma vida regada de bons momentos, formaram os fundamentos do meu caráter e serão sempre meu porto seguro, incentivando-me e acreditando no meu potencial. Agradeço por desde pequena mostrarem que sou capaz de muitas coisas, sempre me encorajaram a fazer uma faculdade. Sei que sendo a primeira da família a formar-se em uma Universidade Federal sou motivo de orgulho para eles.

Obrigada à minha filha, Maysa Ester de Souza Cabral, que assim como eu sofreu com distância durante esse ano, mas sabemos que esse sacrifício foi necessário para concretizar essa graduação que pensava tão somente no futuro dela. Ela é minha maior inspiração para este trabalho e para alcançar esse momento tão importante da minha vida.

Agradeço aos meus irmãos, que mesmo de longe sempre me incentivaram com todo amor e carinho. Da mesma forma, agradeço à minha avó, Tereza Ferreira da Silva, exemplo de honestidade, caridade, de amor e de perseverança, que sempre sonhou em ter uma filha professora. Sinto-me honrada quando diz que estou realizando seu sonho. Foi sempre imprescindível no apoio às minhas escolhas e na compreensão das minhas ausências em função da difícil jornada de estudos e de trabalho.

Aos meus demais familiares, que compreenderam minha ausência nos encontros de família e que representaram o porto seguro em muitas dificuldades. Sou grata pela família que tenho.

Obrigada à minha ex sogra, Tereza Moraes Cabral, que ajudou-me a cuidar da minha filha, dedicando seu tempo para zelar pelo bem estar da nossa Maysa com muito amor e carinho, acreditando no meu potencial e sendo como uma mãe para mim.

A banca, Professora Ana Maria Franco e Professor Luiz Fernando de Carli Lautert pelas considerações e por terem aceitado estar presente neste momento tão especial.

A todos meus professores que me receberam de braços abertos, disponibilizando seu tempo, carinho e atenção para que essa caminhada fosse trilhada de forma prazerosa, o que tornou essa formação regada de bons exemplos, pois acreditaram em mim e me deram forças para continuar.

A todos que participam da UFPR Litoral que permitiram que eu chegasse onde estou, abrindo portas e possibilidades de me formar uma profissional humana e amante da profissão.

Aos Meus colegas de turma que foram verdadeiros e companheiros, em especial à minha amiga Valéria Claudino Rodrigues, que esteve ao meu lado durante esses quatro anos, me apoiando, dando conselhos e até broncas quando se fez necessário, sem esse apoio minha formação não teria o mesmo significado.

Aos meus amigos Caroline Motta, Camila Prohmann, Bruno Castro e Luiz King, por todo companheirismo nesta caminhada, todos foram muito importante na minha trajetória e sempre serei muito grata por isso.

**A vida me ensinou a nunca desistir  
Nem ganhar, nem perder, mas procurar  
evoluir  
Podem me tirar tudo que tenho  
Só não podem me tirar as coisas boas  
Que eu já fiz pra quem eu amo  
E eu sou feliz e canto  
O universo é uma canção  
E eu vou que vou**

**História, nossas histórias  
Dias de luta, dias de glória  
Histórias, nossas histórias  
Dias de luta, dias de glória**

**(Charlie Brown Jr.)**

## **HISTÓRIA DE VIDA: OS CAMINHOS QUE TRILHEI**

Nasci no dia onze de janeiro de 1984, na cidade de Nova Fátima - PR, filha de Edinaldo e Maria. Minha mãe, filha de Tereza e José Ramos, mineiros que vieram à procura de uma vida melhor no Paraná. Meu pai, filho de Assunes e Generosa, também em busca de novas oportunidades vieram ao Paraná vindos da Bahia.

Meus pais se conheceram por meio de amigos e, por morarem em fazendas próximas, começaram a namorar. Em seis meses se casaram. Um ano depois nascia o primeiro filho, Júnior, o segundo filho veio após dois anos, Gilmar, e mais dois anos nascia eu, a filha mulher tão esperada.

O sonho do meu pai sempre foi ter uma filha mulher. Foi a maior festa, meu nome foi escolhido por causa da princesa Diana, mas na hora do registro ficou como Daiane.

Meus pais moravam em uma fazenda em Nova Fátima e quando eu estava com dois anos, meu pai foi ser administrador de uma fazenda no município de Cornélio Procópio. Ali vivi os melhores tempos da minha vida, era um lugar encantador. Meus pais sempre foram responsáveis e, mesmo não ganhando muito, nunca nos faltou nada, tínhamos horta, plantações e criações de galinhas e suínos.

Venho de uma família grande, humilde e tradicional, cresci dentro dos princípios religiosos, fiz primeira comunhão, crisma e participava de todas as atividades dentro da igreja. Por morar na área rural aprendemos a viver longe de algumas coisas como escola, hospitais e comércios. As atividades da igreja era o que existia de mais atrativo para os finais de semana.

Minha trajetória escolar, assim como de meus irmãos, foram em escola pública Rural da região, lembro-me da escolinha e, mesmo com as dificuldades que enfrentávamos, sinto saudades. A Escola Rural Municipal Zarpelão era longe da minha casa e andávamos em média dez quilômetro para pegar o transporte escolar. Às vezes era jipe e em outras caminhonete, íamos na carroceria sem segurança alguma.

Minha primeira professora se chamava Marli, não esqueço dela, pois me ensinou as primeiras letras, de maneira tradicional, mas com muito amor. Recordo-me que ao chegar à escola, todos tinham que fazer uma fila para cantar o Hino nacional, a escola tinha uma única sala e apenas um banheiro que eram compartilhados entre meninos e meninas.

Eram poucos alunos, em média de seis a oito por séries, e dividia-se por fila de primeiro a quarto ano. Com todos os desafios, meus pais nunca nos deixaram faltar aula, apenas nos dias de muita chuva ou dias que o transporte não passava.

No ensino fundamental fomos estudar na área urbana no Distrito de Congonhas, próximo a Cornélio Procópio. O Colégio Estadual Dulce de Souza Carvalho era grande, de ensino Fundamental e Médio, comportava todos os estudantes da área rural do Distrito. Passei momentos felizes no colégio, participava de projetos da escola, meus pais faziam parte do projeto “Amigos da Escola” e participavam ativamente na minha vida escolar.

Tenho boas referências desta escola, de pessoas que até hoje tenho laço de amor e respeito por professores e funcionários que nos tratavam com muito cuidado. Era uma aluna aplicada e, apesar dos poucos recursos da época, pude tirar proveito das oportunidades que escola dispunha, como sala de informática e biblioteca, coisas não existiam na escola rural. Tive professores que eu admirava, bons amigos, era tudo feito com muito carinho, desde as tias da cozinha até a direção. Estudei lá até o 2º ano do ensino médio.

O ano de 2002 foi o pior ano da minha vida, no dia dezessete de julho o meu mundo veio abaixo, o pior dia e da pior forma. Minha mãe sofreu um infarto fulminante na minha frente, essa é uma lembrança que eu não gosto de ter e nem de falar sobre o assunto, foram anos de tratamento para me recuperar e tirar da cabeça a cena da minha mãe me pedindo socorro e eu sem ter como ajudar.

Tinha dezessete anos, meu pai e meus irmãos estavam trabalhando, eu sozinha... liguei para muitas pessoas, ninguém conseguiu ajudar, tudo era longe. Quando o vizinho mais próximo chegou, já era tarde. Aprendi com ela a sempre ajudar o próximo e justo naquele dia, naquela hora, fraquejei e ela se foi pedindo socorro, e por muito tempo eu me culpei por isso. É uma ferida que ainda cicatriza, não falo muito sobre isso na tentativa de seguir em frente.

A partir dessa data tudo na minha vida parece que resolveu andar para trás, foram tantos tropeços tantas dificuldades... Só o que passava na minha cabeça era morrer ou sumir, eu não dava conta de suportar tudo que estava acontecendo. Agora eu era a mulher da casa e tinha que cuidar dos afazeres, do pai depressivo, do irmão mais velho que resolveu afogar suas mágoas na bebida e virou um alcoólatra. Precisava ser forte pra segurar o resto que sobrou da família.

Sem rumo, naquele momento mudamos para o litoral paulista onde morava a família do meu pai. Lá tive uma das piores experiências escolares da minha vida. Iniciei o 2º ano do ensino médio no Colégio estadual Jayme João Olcese no município de Cubatão SP. Nas minhas lembranças é uma espécie de prisão, professores sem amor pela profissão, sem interesse no aluno e, muitas vezes, nem mesmo sem qualidade de ensino.

Passei por algumas angústias, sofri muito *bullying* naquele lugar, além de ter que suportar a perda minha mãe, perdi os amigos, os professores, a escola que eu amava, a alegria e a união da família. Eu sentia muita dificuldade, coisa que não era normal para a Daiane que amava estudar, mesmo assim, tinha um fundo de esperança .

Apreendi com meus pais e professores que nada era fácil, que tínhamos que lutar mesmo com as dificuldades da vida, mas a realidade daquele lugar me assustava, por isso a vontade era terminar logo e ficar “livre” daquilo tudo. Foram esses e outros tantos motivos desmotivadores que me fizeram desistir no meio do ano e dedicar-me ao trabalho.

Meu primeiro trabalho foi em uma casa de Bingo, trabalhava como caixa na parte da tarde e como locutora na parte da noite. Como meu pai estava desempregado, tentava ao máximo suprir a falta de dinheiro para família. Com toda aquela responsabilidade e pressão do trabalho, comecei novamente a ficar depressiva a ponto de ter que tomar remédios e decidi que era hora de parar e retomar minha vida.

No ano seguinte voltei para o ensino médio. Às vezes me pegava a pensar que o sonho dos meus pais sempre foram que eu entrasse numa faculdade e naquele momento eu lutava para simplesmente terminar o ensino médio. A diferença de ensino de uma escola para outra era tão grande e aquilo me

incomodava muito, pois sempre gostei de estudar... Hoje percebo que minha dificuldade em Física e Química vêm de um péssimo ensino que tive nos anos finais de estudo. Foram momentos que me afetaram tanto psicologicamente que tenho dificuldade de lembrar o nome de algum professor ou colega daquela escola.

Após todas essas frustrações e, também, para buscar uma referência de mãe, mudei para Curitiba para morar com minha avó materna. Foi minha melhor escolha, pouco tempo depois já estava trabalhando e não precisava mais dos remédios. A vontade de estudar era algo que já fazia parte da minha vida novamente, fiz alguns cursos e trabalhava no comércio na área financeira. Naquela época pensava em fazer algo nessa área.

No ano de 2009 conheci o pai da minha filha e seis meses depois nos casamos, foi um casamento lindo, casei de noiva como sempre sonharam meus pais, numa cerimônia cercada de pessoas importantes da minha vida. Como ele era de Antonina, pedi demissão do meu trabalho e fomos morar na cidade dele, ficamos lá por outros seis meses, ele ficou desempregado e novamente voltamos para Curitiba. Em seguida os dois já estavam trabalhando.

No começo foi um casamento com dificuldades, assim como muitos casamentos, muitas vezes nós mulheres passamos por coisas que acabamos fazendo vistas grossas para poder viver bem. Ele sempre foi um marido muito ciumento e controlador, a ponto de afastar-me dos amigos. Ele é filho único mimado e os pais nunca deixaram faltar nada, acredito que isso reflete muito na personalidade e na falta de responsabilidade dele ainda hoje.

Em agosto de 2011 descobri que estava grávida, foi um dos momentos mais felizes e importantes da minha vida. No começo da gravidez descobri que teria uma gravidez de alto risco, precisando de acompanhamento rigoroso para não perder o bebê. Durante o tratamento fui internada no Hospital de Clínicas, num momento delicado em que os médicos já descartavam que o bebê fosse resistir. A assistência social do hospital chamou a família para comunicar que teria que fazer uma cesariana de emergência para tentar salvar minha vida, decorrente disso minha filha veio ao mundo com apenas cinco meses e meio de gestação, no dia 12 de fevereiro de 2012 às 18hs e 32 min pesando 610 gramas e medindo 30 centímetros .

Ela nasceu sem respirar, sem batimentos cardíacos, praticamente sem vida. Como tudo na vida tem um propósito, ela foi reanimado e voltou a respirar com ajuda de aparelhos. Ficamos na UTI Neonatal durante quatro meses e quatro dias e, mesmo indo para casa, ela permaneceu com oxigênio por mais três meses por conta de seus problemas respiratórios.

Nesse mesmo ano prestei concurso para prefeitura de Antonina e, para minha surpresa, passei em oitavo lugar. O litoral, por ser um ambiente mais quente e com um ar mais puro, ajudaria na recuperação dos problemas respiratórios da minha filha. Resolvi aceitar morar com os pais do meu marido, por estar com o casamento abalado, acreditava que perto dos pais dele ele melhorasse e eu fosse mais livre, mas não foi o suficiente.

Trabalhava, cuidava da casa, da família dele, da filha e mal tinha tempo para cuidar de mim. Com o tempo tudo foi se esgotando, minha percepção de futuro e daquilo que meus pais sonharam pra mim cada dia parecia mais longe.

Foi então que no ano de 2014 resolvi prestar vestibular para a UFPR litoral e em Janeiro, quando descobri que havia sido aprovada, foi muita emoção na minha família, especialmente meu pai vibrou. Ali começava uma nova história, naquele momento eu me percebi novamente, senti que estava viva e que ainda era capaz de muita coisa.

No primeiro semestre de faculdade ainda trabalhava e estudava, vindo de Antonina para Matinhos todos os dias e as possibilidades que a Universidade oferece começaram a aparecer, a primeira delas foi o Pibid -Programa Institucional de Iniciação a Docência. Como eu trabalhava teria que optar entre o trabalho e os programas da Universidade. Sentia que precisava de algo novo na minha vida, as portas estavam se abrindo e tomei a decisão de pedir exoneração da Prefeitura e dedicar-me aos estudos. O pai da minha filha relutou um pouco à ideia da mudança, mas eu já estava decidida e viria com ou sem ele.

Além da bolsa do pibid também passei a ser bolsista do Probem[S1] e meu esposo a trabalhar em um empresa que presta serviços à prefeitura. No ano de 2016 o casamento fica cada vez mais abalado, principalmente por eu estar mais empoderada, decidida e com voz ativa. Sempre comento que a Universidade foi

minha libertação para muita coisa, dentro de mim existia uma Daiane que só a Universidade fez-me encontrar.

Com a oportunidade de uma viagem para Colômbia, ele se sentiu incomodado, acreditava que aquela era uma oportunidade para mulheres solteiras e não casadas e com filhos. Aquele foi o momento de me impor e mostrar que não precisava de aprovação para tomar minhas decisões, era independente e não ia perder a oportunidade que mais uma vez a vida me dava. Foram 16 dias em Medellín, inesquecíveis, algo enriquecedor que levarei para a vida cada minuto naquela cidade.

Após a viagem, descobri a traição, algo que abalou toda família, ficamos separados por três meses e por insistência de alguns, argumentando que eu precisava pensar um pouco mais na minha filha, que ela iria sofrer com a separação, acabei cedendo a pressão. Não foi uma boa decisão e foram mais quatro meses de um casamento infeliz e fracassado, a ponto de eu precisar de ajuda e apoio de amigos, professores e psicólogos da Universidade. Aquela situação não estava fazendo bem nem para mim, nem para minha filha e resolvi dar um basta definitivo e me cuidar para não voltar aos remédios de depressão.

No começo do ano de 2018 passei dividir aluguel com minha amiga Valéria e, estando no último ano de faculdade, teria que fazer o sacrifício de ficar um pouco longe da minha filha. Estando sozinha aqui em Matinhos e depois dos cortes das bolsas seria muito difícil manter eu e ela durante mais seis meses.

Não está sendo fácil, estamos juntas apenas nos finais de semana, mas sei que é por uma boa causa e tudo é uma fase com boas recompensas no horizonte. Em maio de 2018 fiz a bariátrica, outra grande decisão e uma transformação que eu precisava tanto para melhorar minha saúde e autoestima. O apoio da família e dos amigos fez uma grande diferença nessa fase, fiquei surpresa comigo mesma, pois depois de tudo que passei eu estava bem psicologicamente.

Mads o ano ainda me reservava desafios. No segundo semestre de 2018, minha filha de seis anos, foi diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O autismo, cientificamente conhecido como Transtorno do Espectro Autista é

caracterizada por problemas na comunicação, na socialização e no comportamento, geralmente, diagnosticado entre os 2 e 3 anos de idade.

No caso da minha filha os sinais e sintomas são leves, poderiam até passar despercebidos. O transtorno faz com que a criança apresente algumas características específicas, como dificuldade na fala e em expressar ideias e sentimentos, mal-estar em meio aos outros e pouco contato visual, além de padrões repetitivos e movimentos estereotipados, como ficar muito tempo sentado balançando o corpo para frente e para trás.

Por mais que o diagnóstico tenha sido algo muito impactante, a realidade que vivi nos módulos e no estágio em relação à inclusão, ajudou-me muito, especialmente, para entender direitos que minha filha tem diante da sociedade, principalmente em termos educacionais.

Sei que há toda uma luta a ser travada dentro do processo do sistema educacional brasileiro. Mas também sei que ela já está amparada pela lei da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno de Espectro Autista.

Último ano de graduação, sinto-me com coração apertado em saber que faltam poucos meses para terminar esse ciclo, isso me remete à toda acolhida, carinho, atenção e compreensão que aqui recebi. Mesmo com minhas dificuldades e limitações sei que estou fazendo um bom trabalho, e faço com muito amor e respeito.

Estar integrada em projetos e na vida acadêmica tornou minha trajetória de formação docente rica e fortalecida para enfrentar uma realidade lá fora, preparou um olhar e uma perspectiva positiva.

Até aqui, venci algumas batalhas e sei que muitas outras virão para serem superadas, creio que Deus tem muita coisa boa reservada para minha vida, sinto-me realizada por todas as conquistas que obtive por mérito próprio. Sou mulher, sou mãe e separada, e essa condição não é, nem nunca foi, um empecilho para desistir dos meus sonhos.

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema “Nós também queremos falar”: O professor que escuta seus alunos, concede um espaço de reflexão e ressignificação no processo de aprendizagem. O objetivo foi abordar a importância da relação professor e aluno. A escolha deste tema surgiu da necessidade de compreender e conhecer a importância do educador que incentiva seus educandos à participação do processo educacional, buscando construir práticas pedagógicas diferenciadas que possibilitam aulas mais prazerosas e agradáveis. São trazidas ao texto as experiências vivenciadas nos quatro períodos do Estágio Supervisionado Obrigatório do Curso de Licenciatura em Ciências da UFPR Litoral que aconteceram concomitantemente a outros espaços educacionais que a Universidade oferta. Sabe-se que a transição entre os paradigmas educacionais se dá de forma lenta, assim o desejo foi potencializar essa transição por meio de ações construídas juntas com o educando, fortalecendo laços entre professor e aluno e, ainda, apostando em uma educação cidadã. Nesse sentido, considera-se que os estágios obrigatório, possibilitaram um fazer docente viável, carregado de sentidos e esperançoso por realizar uma educação pública de qualidade

**Palavras-chaves: Ensino e Aprendizagem; Estágio obrigatório; Relação Professor e Aluno**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>17</b>
<b>2 ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS</b>	<b>18</b>
2.1 Estágio I - Fase de Observação	19
2.2 Estágio II - Plano e ação na fase da regência	20
2.3 Estágio III - A importância da vivência da Educação Inclusiva no estágio obrigatório.	21
<b>3 OUTROS ESPAÇOS E EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS</b>	<b>30</b>
3.1 Projetos de Aprendizagem: buscando a formação de estudantes em uma proposta que estimule o protagonismo	31
3.2 Interações Culturais Humanísticas: Um espaço que permite o sujeito a se autoconhecer	33
3.3 Fundamentos Teóricos Práticos: Espaços pedagógicos coletivos, destinado ao desenvolvimento curricular, com foco na Formação Profissional	36
3.4 Convênio Internacional e Interinstitucional: a experiência Brasil X Colômbia	38
3.5 A importância do PIBID na formação docente de um futuro educador.	39
<b>4 ENTRE (IN)CONCLUSÕES PROVISÓRIAS, REFLEXÕES E INQUIETAÇÕES</b>	<b>41</b>
<b>5 REFERÊNCIAS</b>	<b>46</b>

## **1 INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem por objetivo apresentar o relatos das vivências e atividades desenvolvidas ao longo dos quatro anos de formação no Curso de Licenciatura em Ciências da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, bem como as reflexões sobre os quatro Estágios Supervisionados obrigatórios.

As vivências relatadas aconteceram em três realidades educacionais diferentes. Assim, o primeiro capítulo apresenta as experiências vivenciadas nos estágios supervisionados que incluem as fases de observação, regência, ação e a importância da vivência da Educação Inclusiva no estágio obrigatório.

O capítulo dois traz as experiências vivenciadas em outros espaços pedagógicos e como os mesmos contribuíram no processo de formação.

O terceiro e último traz algumas considerações finais sobre as temáticas abordadas e reflexões da autora acerca de como viveu seu processo de formação docente.

No final, constam as referências.

## **2 ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS**

O estágio supervisionado é parte integrante do processo formativo, pois permite ao acadêmico o contato com o ambiente em que irá atuar, além de fortalecer a relação entre teoria e prática, constituindo um importante momento para a formação, tanto pessoal como profissional, pois é neste espaço de exercício da docência que se fortalece a ação-reflexão-ação.

Os estágios foram realizados no Colégio Estadual Prof<sup>a</sup> Tereza da Silva Ramos– EFM, Colégio Estadual Gabriel de Lara, ambos localizados no município de Matinhos/PR, e, ainda, no Colégio Estadual Professor Paulo Freire localizado no município de Pontal do Paraná, no período de setembro de 2015 a dezembro de 2017.

Os estágios realizados nas três escolas mencionadas cumprem com as diretrizes pedagógicas da lei 9394-96 que prevê que através da observação, da participação e da regência seja possibilitada a reflexão sobre futuras ações na docência, seja ela em sala de aula sozinho ou com seus colegas de curso. Oportuniza, ainda, discussões e reflexão crítica na construção diversas de formas de aprendizagem como por exemplo: planejamento com distribuição de conteúdos de acordo com o tempo; planejamento e aplicação de autoavaliação; gestão do tempo e do espaço de ensino e trabalho coletivo.

Enquanto estagiários, a pesquisa também é facilitada pela proximidade dos professores da universidade e da convivência com os colegas, pois oportuniza a vivência da realidade escolar. É nesse espaço educacional que passamos a compreender que o estágio é fundamental para a formação do educador, uma vez que reconhecendo as dificuldades e diversidades ligadas à realidade escolar, podemos nos posicionar com maior criticidade p frente às questões educacionais que encontraremos na carreira docente.

## **2.1 Estágio I - Fase de Observação**

O estágio supervisionado I foi realizado no Colégio Estadual Professora Tereza da Silva Ramos, nome que leva a homenagear a uma das primeiras professoras do Município de Matinhos. Tereza da Silva Ramos nasceu no dia 19/06/1927 em Matinhos e começou a lecionar aos dezessete anos.

O colégio tem um espaço bem significativo, muito florido e com muitas árvores ao seu redor, proporcionando uma bela visão de natureza, tendo em vista que esta ao lado do Parque Nacional de Saint-Hilaire/Lange. Contudo, está situado em região periférica do município, sendo o bairro um dos mais populosos do município e, por essa razão, acaba apresentando a uma realidade com muitos problemas de violência e uso de drogas, refletindo no âmbito escolar.

A escola atende a comunidade com Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano, Educação de Jovens e Adultos, Ensinos Fundamental – FASE II e Educação de Jovens e Adultos e, ainda, Ensino Médio.

O primeiro contato com as atividades da escola e com as turmas ocorreram na semana de integração comunidade/escola. Tratava-se de atividade prevista no calendário escolar e reúne o corpo docente e discente para a realização de jogos, atividades culturais e apresentação de projetos como forma de incentivo à aproximação da comunidade com a escola.

Esse espaço pedagógico foi uma boa oportunidade para conhecer um pouco da realidade escolar e socializar-me com o ambiente que iria desenvolver o estágio, proporcionou-me uma visão positiva pelo acolhimento dos alunos e funcionários.

A professora supervisora desde a apresentação já demonstrou que poderíamos realizar uma boa parceria e companheirismo, esse acolhimento fez uma grande diferença na realização do estágio e possibilitou-me entender o quão importante é saber trabalhar com as diferenças, buscando sempre um atendimento igualitário aos usuários da escola, sejam eles alunos, professores, funcionários, ou a comunidade geral.

Outro aspecto, não menos importante, observado na professora supervisora é que mesmo com poucos recursos e com uma realidade escolar com diversos conflitos sociais e educacionais, ela buscava integrar trabalhos por projetos dentro

dos conteúdos, buscando realizar aulas diferenciadas para oportunizar uma aprendizagem com atividades que permitissem aos educandos sair um pouco do modo tradicional de ensino e vivenciar experiências aulas mais atrativas, através de jogos, desenhos, saída de campo entre outras.

Esse estágio proporcionou-me a percepção de que um profissional qualificado não é somente aquele com domínio de conteúdos, mas aquele capaz de fazer com que todo e qualquer conteúdo faça sentido na vida do aluno, respeitando seu tempo e espaço, buscando sempre trabalhar com as diferenças existentes na escola.

## **2.2 Estágio II - Plano e ação na fase da regência**

A fase da regência teve início do estágio supervisionado 2, também no Colégio Estadual Tereza da Silva Ramos, foi realizada junto às turmas dos 7º anos A, B e C, sob a supervisão da professora Maria Fátima Consone que, também, nos supervisionou durante o estágio I.

No primeiro momento fiz o acompanhamento das aulas da professora Maria de Fátima, o que me permitiu uma visão mais aprofundada da realidade das turmas do Colégio Tereza da Silva Ramos. Como já conhecia alguns alunos do Estágio Supervisionado I, tive facilidade na aproximação com a turma. Eram educandos participativos nas aulas, com bom desempenho, permitindo, assim, possibilidades de trabalhar a teoria e a prática de uma forma mais dinâmica, buscando uma interação participativa de todos os indivíduos.

Nesta fase do estágio pude já realizar junto com a professora Maria de Fátima a elaboração de avaliações e atividades, aplicar exercícios, acompanhar a turma em atividades extraclasse, auxiliar os alunos na montagem de murais e cartazes e desenvolver junto com eles aulas práticas. Busquei utilizar os espaços disponíveis na escola, como salas de aula, biblioteca, laboratórios, pátio, horta e quadra esportiva, para diversificar as aulas tornando-as mais atrativas.

Trabalhando o conteúdo estruturante que eram Biomas, as atividades propostas possibilitou aos educandos saírem dos muros da escola, fazendo uma

observação e reconhecimento da importância do cuidado com a natureza, conhecendo os arredores que vivem, tendo como exemplo a linda horta que a escola disponibiliza, que precisa da manutenção e cuidado para ter alimentos de qualidade que são usadas nas suas próprias refeições.

Analisando o lindo ambiente que moramos, observando o verde que nos cerca, passaram a perceber a importância de preservar não somente a escola, mas, também, o bairro e o município em que vivemos. Essa atividade trabalhada de forma diferenciada permitiu que percebessem que não há ser humano igual, que cada um de nós é diferente, seja pessoa, comunidade ou cultura. E, considerando nossas particularidades, é preciso traçar estratégias e métodos que permitam buscar formas de realizar a manutenção de nossa sobrevivência. Creio que esses espaços educacionais permitem que o educando esteja inserido na sua própria realidade e desenvolvam o pertencimento ao seu local. Essa prática se deu de forma satisfatória, pois foi possível realizar com êxito a proposta de trabalhar a Educação Ambiental,

As atividades na regência e as experiências vivenciadas causaram-me certa inquietação, especialmente observando o comportamento dos alunos. Fiquei a me perguntar como seriam os resultados obtidos em uma realidade de outro colégio, com outra estrutura física e social. Entendi que seria interessante alargar meus horizontes no estágio 3, pois nessa escola já me sentia na zona de conforto. Assim, desafiei-me e busquei outra escola, em outro município.

### **2.3 Estágio III - A importância da vivência da Educação Inclusiva no estágio obrigatório.**

O colégio escolhido para realizar o terceiro estágio foi o Colégio Estadual Prof. Paulo Freire, localizado em Balneário Praia de Leste, município de Pontal do Paraná - PR, sob a regência em sala de recurso, pela professora Tânia Serafim Vieira. O nome do colégio leva o nome do educador Paulo Reglus Neves Freire, filósofo brasileiro que destacou-se por seu trabalho na área da educação popular voltada tanto para a escolarização como para a formação da consciência. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial.

A realidade do colégio Paulo Freire é bem diferente da realidade do colégio Tereza Da Silva Ramos, tem uma estrutura bem diversificada, encontra-se a poucos metros do mar, em um prédio de dois andares com uma estrutura física maior, com espaço de lazer, contendo até mesmo uma piscina.

Assim como no Colégio Tereza da Silva Ramos, fui bem recebida por todos da escola, o colégio tem uma abertura muito positiva para com os educandos da Universidade, abrindo as portas para atividades e projetos que contribuem para uma educação qualitativa.

Foi nesse colégio, ainda cumprindo a fase de regência, que tive a oportunidade de estagiar em uma sala de recurso, tendo a oportunidade de ensinar ciências para alunos com algumas dificuldades de aprendizagem.

A Educação Inclusiva é um tema que vem sendo muito discutido atualmente, pois visa diminuir qualquer tipo de exclusão na nossa sociedade. Por simpatizar com este assunto e buscando entender a relação professor-aluno e suas realidades, tive a oportunidade de desenvolver um trabalho diferenciado com jogos, buscando de uma forma lúdica, expositiva e com o propósito de ampliar o conhecimento sobre inclusão na prática docente.

Sabemos que a inclusão dos estudantes com deficiência está prevista em lei e precisa ser respeitada para que os alunos portadores de necessidades especiais sejam incluídos no ambiente educacional. No entanto, é necessário pensar em uma inclusão que contribuía para a formação dos mesmos. Destaco que não se trata de apenas garantir e cumprir o direito dos alunos especiais de serem incluídos, mas proporcionar condições para que esse processo inclusivo aconteça efetivamente.

Dentre os módulos que vivenciei no Curso de Licenciatura em Ciências, um deles foi o módulo Docência Diversidade e Inclusão. Junto com os professores Ana Maria Franco e Juliano dos Santos desenvolvemos projetos visando as questões educativas voltadas à realidade de ter alunos de com deficiência em sala de aula.

Foi fundamental ainda na graduação passar por essa experiência para conhecer e aprofundar o tema inclusão, era uma necessidade como futura professora.

O Estatuto da Criança e do Adolescente dispõe em seu Art. 53 que

criança e o adolescente têm direito à educação, visando o pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho assegurando-lhes: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. (BRASIL, 1990, p. 14).

Porém, não será apenas a existência de lei que fará com que o processo inclusivo realmente aconteça em uma classe regular de ensino, é preciso mais.

Infelizmente a maioria das escolas brasileiras não está preparada para inclusão, pois vemos o despreparo para acolher e lidar com a diferença. A ideia de uma sociedade inclusiva acredita de que se existe um aluno com necessidades em sala, é o bastante planejar aulas diferentes das dos outros. Pelo contrário, o educador precisa estar preparado para planejar para todos os educandos, com a intenção de que faça sentido, tanto para o educando com deficiência, como para os demais estudantes.

Nessa perspectiva, pensar na diversidade é pensar também na diversidade social sem distinção, resgatando os valores histórico-culturais de cada indivíduo, buscando a inclusão e a socialização para que não se sintam mais um número, mais uma cadeira ocupada em sala de aula, mas sintam-se pessoas capazes de fazer parte dos processos de ensino e aprendizagem.

A experiência vivenciada com a educação inclusiva no módulo e no estágio mostrou-me que é necessário preparação adequada para formar profissionais qualificados e capacitados para atender qualquer aluno.

No Colégio Estadual Prof. Paulo Freire, mesmo que muitas mudanças estejam acontecendo, ainda percebi professores que trabalham pautados em uma metodologia tradicional. Em contraponto, a professora supervisora apresentou-me uma forma muito carinhosa para trabalhar com os alunos da sala de recurso, um cuidado especial. A professora busca auxiliá-los para além das aulas, dando dicas e se dispondo a ajudar no que for preciso, preparando cartazes ilustrando métodos que possam ser utilizados por demais professores e buscando formas diferenciadas para trabalhar com alunos com dificuldades de aprendizagem.

Uma realidade desejável que vivenciei do Colégio Prof. Paulo Freire, é a participação da família no contexto escolar, pois sabemos que não são todos os pais e responsáveis que acompanham a vida escolar de seus filhos. É notável o

compromisso que a equipe pedagógica tem no dia-a dia da escola demonstrando a importante aproximação da família.

Com as experiências vividas na fase da regência nas duas escolas, levando em conta a realidade em que os alunos estão inseridos, passei a refletir que somos diferentes, cada um de nós é diferente, não há ser humano algum ou comunidade que seja igual à outra. E considerando nossas particularidades nesse mundo vemos que é preciso que os conhecimentos oferecidos na escola busquem atender a manutenção da vida, valorizando a realidade local.

Estou convicta que como docente precisarei criar situações para que o conteúdo faça sentido para o aluno, para que as produções escolares sejam significativas. Já compreendi que existem vários modos para que isso aconteça, por exemplo, aula expositiva dialogada, projeção de filmes, documentários, elaboração de portfólios, mapeamentos, construção de diagnósticos locais, histórias em quadrinhos, desenhos, saída de campo, projetos de aprendizagem baseados em problemas, teatro, entre outros.

Espero ser uma educadora que explore essas possibilidades para enriquecer o aprendizado dos alunos, levando em conta a realidade que vivem, buscando alcançar resultados positivos. Tal como ensina Rubem Alves:

Enquanto a sociedade feliz não chega, que haja pelo menos fragmentos de futuro em que a alegria é servida como sacramento para que as crianças aprendam que o mundo pode ser diferente. Que a escola, ela mesma, seja um fragmento do futuro..." (Alves, 1987)

A educação constitui-se em um ato coletivo, solidário, uma troca de experiências, em que cada envolvido contribui com suas ideias e concepções. Tanto no Colégio Tereza Silva Ramos, como no Colégio Estadual Paulo Freire, tive a oportunidade de vivenciar o amor de educadores pelo que fazem e que buscam fazer a diferença, demonstrando que é possível alcançar objetivos quando se está determinado a construir uma educação de melhor qualidade.

#### **1.4 Estágio 4 - Estágio Coletivo no Colégio Gabriel de Lara e a importância da escuta na relação professor aluno.**

O quarto e último estágio foi desenvolvido no Colégio Gabriel de Lara - Ensino Fundamental e Médio, situado no município de Matinhos, no centro da cidade. Foi fundado em 1920 com o nome de Escola Isolada de Matinhos. Somente em 8 de março de 1983, através da Resolução nº 750/83 publicada no Diário Oficial de 07/04/83, passou a ser Colégio Estadual Gabriel de Lara – Ensino de 1º e 2º Graus.

O estágio 4 foi desenvolvido na turma do 9º ano noturno e tinha como proposta trabalhar em currículo integrado durante aquele semestre. O termo currículo integrado nomeia ações curriculares que visam promover processos de ensino e de aprendizagem que nos leva a compreender e a interpretar a realidade que está sendo estudada, articulando o saber acumulado e o aprender a estabelecer relações. Trata-se de unir o que está separado, estabelecendo novas formas de colaboração e de interpretação da relação entre o simples e o complexo, na intenção de formar o educando para o futuro, e também para o presente. Essa integração segundo Ciavatta (2005), é:

que a educação geral se torne parte inseparável da educação profissional em todos os campos onde se dá a preparação para o trabalho: seja nos processos produtivos, seja nos processos educativos como a formação inicial, como o ensino técnico, tecnológico ou superior. Significa que buscamos enfocar o trabalho como princípio educativo, no sentido de superar a dicotomia trabalho manual/trabalho intelectual, de incorporar a dimensão intelectual ao trabalho produtivo, de formar trabalhadores capazes de atuar como dirigentes e cidadãos. ( p. 84).

Nesse sentido, o que se buscou durante o exercício de currículo integrado no Colégio Gabriel de Lara foi garantir, tanto para estagiários como para os educandos, o direito a uma formação com leitura de mundo, tornando-os cidadãos mais críticos e participativos.

Projetos desenvolvidos coletivamente são exemplos de atividades que tornam o trabalho em grupo um grande desafio e visam promover perspectivas como: o autocontrole de articulação e gerenciamento das tarefas, a autonomia, o protagonismo, a facilitação a pesquisa, o planejamento, entre outros benefícios.

A integração dos estagiários da Universidade do Curso de licenciatura em Ciências junto à turma do Colégio Gabriel de Lara, deu-se utilizando 60% do da

carga horária do estágio supervisionado e FTP (fundamentos teóricos e práticos), e, no 9º ano, utilizou-se 12% do currículo, ou seja, três aulas de ciências semanais.

Como mencionado, a proposta para os licenciandos foi trabalhar os resíduos sólidos como tema central do projeto, dessa forma, a turma foi subdividida em quatro grupos de estagiários para trabalhar com quatro grupos de estudantes do 9º ano. Com os coletivos de trabalho estabelecidos, cada subgrupo composto por universitários e estudantes desenvolveu, dentro da temática central, um subtema de interesse coletivo.

O planejamento e as atividades do grupo que trabalhamos teve como foco reconhecer o ambiente onde vivemos e o impacto dos resíduos sólidos na realidade local. A partir de então, com a particularidade e o olhar de cada indivíduo do grupo, abrimos espaço para as narrativas dos sujeitos na intencionalidade de conhecer a história de vida dos alunos para, assim, traçar algumas possibilidades. Esse processo valoriza e incentiva os educandos ao exercício do protagonismo diante dos aspectos vividos pois, para contarem de si, necessitam revisitar suas experiências e esse processo, muitas vezes, facilita sua ressignificação e empoderamento.

A estratégia metodológica de narrativas de vida vem sendo utilizada nos espaços educativos e defende a ideia que propicia ao indivíduo a compreensão de si mesmo através da própria escuta. O fato da pessoa lembrar e relatar fatos vividos por ela mesma, oportuniza a ressignificação dos mesmos, dando-lhe novos significados na própria realidade.

[...] as narrativas provocam mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros e, por este motivo, são, também importantes estratégias formadoras de consciência numa perspectiva emancipadora. Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade (CUNHA, 1997, p.187).

Essa prática tem mostrado o quanto temos dificuldade de falar e/ou escrever sobre nós mesmo. Entretanto, a escuta da história de vida dos outros sujeitos possibilita, também, que nos coloquemos no seu lugar, gerando empatia e identificação com o outro.

Essa estratégia facilitou a aproximação e o desenvolvimento do projeto, levando em conta que nem sempre é possível traçar certas metodologias da mesma maneira, pois cada instituição de ensino possui seus desafios, dificuldades e possibilidades.

Reconhecer o outro como sujeito capaz, reflete em nós mesmo o fato que não nos constituímos sozinhos e estamos em constante aprendizagem através de interações com os outros. Devemos estar cientes que conhecimentos, dúvidas, saberes, inseguranças, vivências, alegrias e sofrimentos trazem consigo um aprendizado que o constitui, e um olhar de empatia é sempre bem vindo.

Após a escuta das narrativas dos educandos, pudemos compreender, por exemplo, que a realidade dos que trabalham o dia todo e estudam à noite resulta com que cheguem à aula cansados e desmotivados.

Assim, sentimos a necessidade de traçar algumas estratégias para uma aproximação maior do grupo, pois percebemos que alguns educandos que eram mais afastados dos demais estavam passando por conflitos emocionais.

Nesse sentido, em duplas, propusemos que cada um contasse um pouco sobre si enquanto o outro escrevia, desenhava ou usava a forma que desejasse para expressar o que compreendia que o outro estava passando. Essa atividade propiciou que compreendessem que todos temos uma história e uma realidade diferente, mas que, mesmo assim, é possível nos identificar no outro. Embora tivessem um convívio diário, os estudantes perceberam o quão pouco se conheciam.

Essa atividade possibilitou, ainda, que até mesmo aqueles que chegavam cansados, encontrassem motivação para se fazerem presentes, uma vez que não estavam acostumados a formas diferenciadas de trabalhar em sala de aula, representou uma quebra com o modo tradicional de se viver a escola que, geralmente, se resume em (sala de aula, quadro negro e livros didáticos).

Nesse sentido, com vistas à propiciar experiências pedagógicas voltadas ao paradigma educacional emancipatório, o coletivo decidiu realizar a confecção de um vídeo entrevistando moradores do município de Matinhos. Assim, coletaram dados sobre o conhecimento deles em relação às problemáticas ambientais do contexto

em que vivem. A intenção, além da coleta de dados, era que os entrevistados refletissem se realmente conhecem a realidade em que estão inseridos.

O processo de avaliação desse projeto ocorreu de uma forma coletiva, por meio da auto-avaliação qualitativa, e os critérios utilizados foram construídos junto com os estudantes, tais como: Participação, Respeito, Ética, Autonomia, reflexão, diálogo, troca de conhecimentos e empatia.

Essa forma de avaliar teve como ponto de partida diálogo, cada um avaliou como percebeu o processo, a forma que foi desenvolvido e os resultados individuais e do grupo. Como tudo foi planejado e executado pelos educandos, essa metodologia possibilitou que eles se sentissem pertencentes ao processo, exercitando o protagonismo e a construção efetiva de seus aprendizados. Nesse sentido, na relação da turma, em que todos têm voz e constroem juntos, aflora a perspectiva que todos são sujeitos ativos, o que corrobora com Demos (2010) quando afirma que :

[...] a avaliação qualitativa pretende ultrapassar a avaliação quantitativa, sem dispensar esta. Entende que, no espaço educativo, os processos são mais relevantes que os produtos, não fazendo jus à realidade, se reduzida apenas às manifestações empiricamente mensuráveis. ( p. 106).

Entendemos que para aqueles estudantes possibilitamos a inovação através da ação auto-avaliativa diferenciada e, ainda, acreditamos que a mesma possa ser uma prática educativa constante no sentido de oportunizar o questionamento investigativo sobre a própria aprendizagem.

Oportunizar espaços de fala e escuta,, demonstra um entendimento comprometido sobre a formação do outro. Isso interfere no gostar de trabalhar com pessoas, de se relacionar e construir diálogos, ter a capacidade de ouvir o outro e entender sua opinião. Saber reconhecer o outro como sujeito capaz, produtor de cultura e subjetividade e, principalmente, ter a clareza de que não nos constituímos sozinhos, que estamos em constante aprendizagem por meio de nossas interações com os outros. Implica também ser criativo, ter autonomia e capacidade de inovar. Segundo Tardif (2007, p. 23):

[...] um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo,

isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta.

Após a fala de cada um, o coletivo também dava suas opiniões, o foi muito gratificante. Ao escutarem a fala dos colegas os incentivavam e demonstravam empatia uns pelos outros, refletindo que ao conhecer a história de vida do outro conseguiam entender as dificuldades daqueles que trabalhavam ou que estavam passando por algum problema pessoal, percebendo o quanto essa condição interfere na vida escolar.

Da mesma forma, é imprescindível reconhecer o educador como sujeito da sua história, Cunha (1997) ressalta que:

Não basta dizer que o professor tem de ensinar partindo das experiências do aluno se os programas que pensam sua formação não os colocarem, também, como sujeito de suas próprias histórias. [...] Além disso, a construção da idéia de que o saber cotidiano distancia-se do conhecimento científico, também foi responsável pela não exploração desta histórica como forma de construir informações. (CUNHA, 1997, p. 189)

Esse último estágio nos permitiu compreender que para além das dificuldades inerentes ao trabalho em sala de aula, ser professor é questão de dedicação, de empenho. Através de experiências como as que vivenciamos no quarto estágio o futuro educador aprende a construir junto com seus educandos a possibilidade de uma formação de qualidade.

Como professores, compreendi que não estamos acima de ninguém, mas merecemos ser valorizados, porque todas as profissões passam por nós A cada dia que passa, a cada exemplo que me inspira, mais desperta em mim mais a vontade de continuar, de tentar ser o melhor, de fazer o melhor. Escolhi este Curso de graduação porque eu gosto de ensinar e amo a sala de aula.

### **3 OUTROS ESPAÇOS E EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS**

O Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná foi criado em 2004 e suas atividades iniciaram no segundo semestre de 2005. Desde sua gênese o projeto busca fazer a diferença na educação pública, pois pretende romper com o modelo vigente de transmissão do conhecimento no qual os estudantes têm as aulas expositivas como principal fonte de formação.

A Universidade não trabalha apenas para que o educando qualifique-se para o mundo do trabalho, mas, especialmente, para oferecer possibilidades educacionais que tornem possível que o mesmo construa sua trajetória com autonomia e protagonismo, pautado na formação humana

As atividades de ensino, pesquisa e extensão são realizadas de forma pública e integrada, propiciando que o acesso ao conhecimento se estenda para além dos muros da universidade, alcançando a comunidade do litoral Paranaense. A metodologia de ensino por projetos torna possível uma educação diferenciada, quebrando um paradigma que percebe a educação como uma forma de transmissão de conhecimento. Assim, os educandos cursam módulos seguindo três grandes eixos pedagógicos, Fundamentos Teóricos Práticos (FTP), Projetos de Aprendizagem (PAs) e Interações Culturais e Humanísticas (ICH).

A proposta pedagógica desenvolvida no Setor Litoral apresenta um diferencial centrado na aprendizagem, a partir da estratégia de ensino por projetos. O desenho curricular que se fundamenta na educação por projetos permite que o estudante construa o conhecimento, integrando com diversas áreas do conhecimento. Além dos fundamentos teórico-práticos, específicos de cada curso, o aluno organiza o seu cotidiano tendo também espaços semanais para as Interações Culturais e Humanísticas (ICH) e para dedicar-se ao projeto de aprendizagem. (UFPR LITORAL, 2008a, p. 29)

É sobre esses espaços e as aprendizagens que neles realizei que conto a seguir.

#### **3.1 Projetos de Aprendizagem: pelo protagonismo na formação**

No espaço dos Projetos de Aprendizagem os educandos desenvolvem projetos de acordo com os seus interesses, mediados por professores que os estimulam e desafiam. O objetivo é o desenvolvimento de processos de aprendizagem. Os PAs podem ser desenvolvidos individualmente, em duplas ou em trios, podendo, inclusive, realizar a escolha de temas que não estejam diretamente relacionados aos seus cursos de graduação.

A intenção é que os Projetos de Aprendizagem surjam da identificação de uma demanda na realidade do estudante, assim, parte-se para a pesquisa para buscar solução e/ou melhoria do contexto estudado e realizar uma possível intervenção. Dentre tantos projetos já desenvolvidos cito alguns exemplos que acompanhei: Alimentação Saudável; *Bullying*; Casa Sustentável; Castração Canina; Contribuição do Pibid na Formação Docente; Educação Ambiental; Plantas Medicinais; Produção de Material Didático para o Ensino de Ciências; Uso de Jogos no Ensino de Ciências; Transtornos de Aprendizagem e Violência Doméstica.

No início do curso tive muitas ideias que seriam possíveis para realizar em um projeto, mas foi a partir do contato que tive com escola, por meio do estágio, que tornou possível conhecer um pouco da realidade em relação à questão ambiental do litoral paranaense.

O projeto foi desenvolvido com a colega Valéria Claudino Rodrigues que em parceria de investigação e cumplicidade desafiou-se comigo na busca de novos conhecimentos. A pesquisa propicia a reflexão sistemática e o desenvolvimento do senso crítico para realizar o estudo de aspectos da realidade traçar a ação prática.

O projeto de Aprendizagem “Educação Ambiental nas escolas Públicas do Litoral Paranaense” buscou dar visibilidade às dificuldades e aos desafios da sociedade do litoral Paranaense que não constam em livros didáticos, nem conteúdos estruturantes. Uma das propostas iniciais era trabalhar a coleta seletiva do lixo inserida, também, em uma perspectiva interdisciplinar da Educação Ambiental, buscando a contribuição da classe estudantil e professores que pudessem e desejassem intervir na realidade que os cerca.

A prática de educar para o consumo consciente e a modificação de atitudes pessoais por meio da utilização do conhecimento sobre o meio ambiente é algo que

se faz necessário e urgente, pois a adoção de posturas conscientes na escola, em casa e em sua comunidade conduz as pessoas à interações construtivas na sociedade.

Trabalhando aspectos de conscientização no Colégio Tereza da Silva Ramos junto aos conteúdos estruturantes no estágio obrigatório, percebemos que em torno de 80% dos estudantes conhecem muito pouco sobre a realidade que os cerca. Com esse dado, sentimos a necessidade de trabalhar para além do Colégio Tereza Ramos e nos desafiamos a desenvolver o projetos em outras escolas dos sete municípios do litoral do Paraná.

Entendemos que para demonstrar a realidade do nosso litoral e o que o mesmo oferece, precisaríamos visitar os municípios e registrar em vídeos e fotografias a realidade. Na sequência, apresentamos esse material nas escolas que acolheram o projeto com a finalidade de sensibilização sobre o tema, já que levar os educandos a cada município não seria algo viável.

Um desafio enfrentado para o desenvolvimento do projeto foi a falta de material didático, pois o próprio livro didático mostrava-se deficitário em conteúdos relacionados à questão ambiental e à realidade do Litoral Paranaense, fazendo-se necessárias outras metodologias e materiais. O caso é que muitas escolas não dispõe desses materiais, tornando o trabalho ainda mais difícil.

Assim, traçamos algumas estratégias durante o processo como, por exemplo, saídas de campo para que os encontros se dessem fora da sala de aula e dos muros da escola, o que possibilitou que os estudantes percebessem as problemáticas no seu entorno. Nesse contexto, boas oportunidades de abordagens didáticas foram criadas e permitiram que os estudantes se percebessem em sua realidade, contribuindo para uma formação de cidadã crítica e atuante na sociedade.

Aprendemos bastante nesse movimento e constatamos que a maioria dos professores está ciente das responsabilidades sócio-educativas, no entanto observamos uma barreira quanto à aplicação de atividades relacionadas a este tema. Infelizmente a importância da educação ambiental ainda é lembrada e destacada somente em datas específicas como por exemplo, a semana do meio ambiente.

As metodologias utilizadas foram as mesmas em todos os municípios, mas observamos diferenças no aprendizado, acreditamos que seja em função de fatores como a diferença dos aspectos ambientais e a realidade peculiar de cada indivíduo. Os estudantes que têm mais contato com a natureza e menos com tecnologia, em diversos aspectos apresentavam um conhecimento mais diversificado em relação à realidade que vivem. Mesmo que no meio do caminho encontrássemos algumas dificuldades para desenvolver o projeto dentro das escolas, sabíamos que tínhamos encontrado algo que seria para vida toda e que também contribuiria para a nossa formação como futuro professor de ciências.

### **3.2 Interações Culturais Humanísticas: o encontro com o autoconhecimento**

As atividades oferecidas nesse eixo pedagógico do Setor Litoral podem ser propostas tanto por estudantes como por docentes – e não há necessidade dos temas das ICH estarem relacionados diretamente aos cursos. Como faz parte do currículo obrigatório e representa 20% da carga horária total de todos os cursos, as ICHs são ofertadas ao longo dos quatro anos de graduação.

É um espaço aberto à comunidade e, havendo interesse no tema, estudantes de diferentes cursos e períodos podem participar, facilitando a troca de experiências e conhecimentos entre as distintas áreas do saber. Os educandos são incentivados a participar coletivamente de atividades que valorizam saberes locais, pessoais e sociais. O espaço das ICH:

abre as portas da universidade para que diferentes atividades, sejam executadas e [para] que diferentes estruturas e modos de operação sejam “experimentados”, quebrando a lógica “sala de aula x professor”, “quem aprende x quem ensina”. É também um momento onde os estudantes podem alterar o seu espaço de discussão, fora do espaço de sala de aula, com a possibilidade de acontecer dentro e fora da universidade em espaços tais como nos muros da instituição, nos espaços entre os andares dos prédios, na biblioteca, no mar, nos rios da região, nas montanhas, nas bibliotecas, nos museus etc; sem dizer que também repercute fortemente nas redes sociais, nas comunidades menores ou nos grupos excluídos da região litorânea que encontram aqui o apoio de um forte parceiro, a universidade, para se fazerem ouvir. (JOU COSKI, 2015, p. 91)

Para exemplificar apresento alguns ICHs que foram desenvolvidas: Astronomia; Cidade Sustentável; Contação de História; Democracia Brasileira;

Elaboração de Artigos Científicos; Entalhe em Madeira; Modelagem Matemática; Música; Paulo Freire; Saúde Coletiva.

Dentre tantos ICHs que participei durante os oitos semestres de formação, destaco o ICH de Meditação. Esse me propiciou autoconhecimento, foi através daqueles momentos de encontro com professores, educandos e comunidade que pude despertar para descobrir quem eu realmente sou.

No dia a dia a vida é tão corrida, passamos por momentos muito difíceis que esquecemos de pensar em nós mesmos. Muitas vezes, temos a ideia que estamos sempre atrasados e, mesmo assim, queremos garantir que tudo que está pela frente esteja sob controle, sempre preocupados com futuro e com o que vai acontecer. Deixamos que o mundo nos engula e somos relapsos com nossos momentos de descanso e prazer, tornando cada vez mais difícil nos encontrarmos dentro de nós mesmos.

A prática da meditação me ajudou a limpar a mente, ensinou-me a voltar o olhar para mim mesma. A meditação impactou, inclusive, a escrita desta monografia, pois muitas vezes abria o computador para escrever e minha mente fazia tanto ruído com pensamentos desordenados e inquietações que era difícil aquietar. Após ter me encontrado através da meditação, quando percebo que algo está me afetando procuro parar, sentir o cheiro da natureza, ouvir minha respiração, aprecio o canto dos pássaros e entendo que tudo está bem, pertencço a esse mundo. Evito que o passado e/ou o futuro me distraiam, percebi que a vida é algo que está acontecendo aqui e agora.

### **3.4 Convênio Internacional e Interinstitucional: a experiência Brasil X Colômbia**

Os eixos pedagógicos que compõem o currículo de todo estudante da UFPR Litoral proporcionam a abertura de portas e proporcionam ao educando possibilidades que extrapolam os muros e os espaços da Universidade. Um exemplo, foi a experiência que relato a seguir.

Em meados de junho de 2016, a Universidade recebeu no Setor Litoral docentes e educandos da Universidad de San Buenaventura e da Universidad De Antioquia, ambas Instituições de ensino superior de Medellín/Colômbia, para o I Encontro Internacional das Licenciaturas. Esse encontro propiciou, tanto para os educandos colombianos quanto para os da UFPR Litoral, uma experiência muito gratificante.

A proposta central do encontro era colocar em discussão diferentes abordagens metodológicas relativas às licenciaturas, à educação internacional e à formação de professores. O encontro reuniu, além de acadêmicos e professores do Setor Litoral, professores das redes públicas municipal e estadual de educação. Neste evento tivemos a honra de receber os conferencistas convidados, professor Donald Hugh de Barros Kerr Junior – pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnológica Sul Rio-grandense; professor Luis Rafael Múnera Barbosa, pela Universidad de Antioquia (Colômbia) - e, ainda, a professora Teresita Ospina Alvarez pela Universidad de Antioquia (Udea) e Universidad San Buenaventura. Para o professor Donald Hugh de Barros Kerr Junior, conhecido como Goy, é preciso romper com a educação estruturalista, pensar e pautar a diferença. Enfatiza que:

as dificuldades de ser docente no Brasil e na América Latina, nós já conhecemos, o que precisamos pensar é sobre como enfrentá-las. Quero saber como eu crio linhas de fugas para sair dos problemas e criar problemas que sejam produtivos e não problemas que sejam impeditivos.

Já os educandos em intercâmbio puderam compartilhar experiências vivenciadas na suas graduações com os educandos da UFPR Litoral, apresentando propostas para repensar os atuais formatos de trabalho em sala de aula.

O professor Luis Rafael Múnera Barbosa enfatizou que: “O evento é uma grande oportunidade para a troca entre os países e para discutirmos processos e propostas inovadoras que fortalecem a pesquisa e a formação dos acadêmicos”. Esse entendimento foi reforçado pela professora Teresita Ospina Alvarez:

Esses intercâmbios são muito importantes porque permitem que nós como professores aprendemos muito, e, também, permitem que os alunos troquem experiências culturais e de linguagem. Também fortalecemos os projetos de pesquisa entre duas universidades ou três.

Dentro da proposta de intercâmbio, recebemos o convite para representar a UFPR Setor Litoral na Universidad de San Buenaventura, na Colômbia, em outubro de 2016. O convite foi efetivado pela professora Teresita Ospina Alvarez, a mim e à colega Valéria Claudino, a intenção era que compartilhássemos um pouco como desenvolvíamos os projetos em um currículo diferenciado e como, na prática, nossa universidade funciona.

De acordo com o professor Barbosa, a Colômbia tem o Brasil como referência na educação e o evento é uma excelente oportunidade para aprender com quem “ é um exemplo na formação de licenciatura, na pesquisa, nas propostas curriculares e na inovação para a educação”.

A participação do evento na Colômbia foi um divisor de águas em minha vida, uma experiência importante que ensinou-me sobre as semelhanças e diferenças por meio da vivência. Mergulhamos em uma cultura distinta da nossa, alargamos nossos horizontes, tivemos contato com outras teorias e novas formas de se fazer docência.

### **3.5 A importância do PIBID na formação docente de um futuro educador**

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é um Programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que dentre seus objetivos vem oferecendo condições para maior integração entre as escolas da Educação Básica e as universidades, promovendo vivenciar a teoria e a prática da docência e contribuindo para a elevação da qualidade dos cursos de licenciaturas. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em conjunto com o Ministério da Educação criou o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) que desde 2008 tem buscado proporcionar um ganho para as licenciaturas, como é o caso do curso de licenciatura em Ciências da Universidade Federal do PR setor litoral.

Assim como nos estágios, um aspecto importante do PIBID é estar relacionado com a maior aproximação do contexto real da sala de aula, permitindo que os bolsistas comecem a perceber a complexidade da prática

docente já durante a formação inicial. O constante diálogo e interação entre os envolvidos no Programa (licenciandos, coordenadores e supervisores) gera uma dinâmica única que possibilita o crescimento contínuo e formação recíproca. Esse processo contribui para o desenvolvimento profissional, tanto dos docentes universitários (coordenadores), quanto dos professores da escola (supervisores), bem como dos licenciandos envolvidos (futuros professores).

Essa parceria e contribuição mútua vem buscando por uma formação de professores referenciada fora do contexto da educação tradicional, em que somente o professor coordena a construção do conhecimento e aos alunos cabe apenas a reprodução do que lhes é ensinado. Nesse sentido, acredito que dificilmente a formação inicial de professores, contando somente com as atividades na universidade teriam o mesmo significado.

E para que essa parceria fizesse sentido de forma construtiva, os vinte e nove bolsistas da UFPR Litoral, coordenadores e supervisores realizavam encontros na universidade com todos os envolvidos para elaboração de aulas e projetos de aprendizagens diferenciados para desenvolvê-los nas quatro escolas participantes do programa. Essa ação possibilitava a aproximação e preparação mais adequada para atuar em sala de aula por meio de projetos, no sentido de antecipar as experiências docentes que, possivelmente, só ocorreriam nos primeiros anos de docência dos bolsistas.

Foi importante também fazer reconhecimento da escola como instituição parceira da universidade, pois é nela que ocorrem o acolhimento e ampliação dos espaços que, tanto bolsistas como alunos da rede de ensino, trocam conhecimentos e aprendizagem diversas. E esse é um aspecto importante de ser percebido, pois é um dos problemas enfrentados pela formação inicial de professores de Ciências, que reflete em uma formação inadequada e insatisfatória para a prática docente.

Essa aproximação com a escola possibilita também que os bolsistas comecem a perceber a complexidade da escola e da sala de aula, percebendo que os problemas vão além daqueles relatados por professores.

Outro ponto positivo que pude vivenciar no PIBID foi o trabalho em grupo, que contribuiu para o desenvolvimento de aprendizagens para trabalhar por

projetos, projetos esses que proporcionaram, tanto para os bolsistas como para os alunos, estudar conteúdos estruturantes de forma diferenciada e buscando novos e inovadores métodos que propiciem a aprendizagem. Isso demonstra que o trabalho em grupo e o senso de coletividade são aspectos importantes para a formação e para se pensar na melhoria do ensino de Ciências nas escolas públicas. Com as buscas há várias opções de ensino e aprendizagem podem-se encontrar respostas e meios de não se tornar um professor tradicionalista.

FREIRE dá um exemplo muito claro de resposta quando diz que:

*A prática de velejar coloca a necessidade de saberes fundantes como o domínio do barco, das partes que o compõe e da função de cada uma delas, como o conhecimento dos ventos, de sua força, de sua direção, os ventos e as velas, a posição das velas, o papel do motor e da combinação entre motor e velas. Na prática de velejar se confirmam, se modificam ou se ampliam em saberes. (1996, pg. 21)*

Durante os três anos como participante do programa, ficou evidente que minha formação teve uma ressignificação, pois ter a oportunidade de chegar ao meu futuro ambiente de trabalho sem a preocupação de não gostar ou, até mesmo, frustrar-me ao me deparar com uma realidade não desejada. Ou seja, o PIBID possibilitou uma aprendizagem docente compartilhada entre os bolsistas (alunos da licenciatura), mesmo antes de se tornarem professores.

#### **4 ENTRE (IN)CONCLUSÕES PROVISÓRIAS, REFLEXÕES E INQUIETAÇÕES**

O período de estágio permitiu os primeiros contatos com a realidade do ambiente escolar. Este processo foi necessário para que houvesse a reflexão sobre a própria prática pedagógica, visto que é preciso superar a visão conservadora sobre aulas tradicionais e partir para a construção de uma prática pedagógica que contemple um paradigma emergente, crítico, reflexivo e transformador, em um processo de mudança na postura de educador.

Em todo o processo de estágio, foram observados pontos positivos e negativos da realidade vivenciada na escola. E surgiram pensamentos e inquietações de como lidar com a realidade vivida por aqueles alunos.

Durante esses quatro anos de graduação tive a oportunidade vivenciar momentos marcantes na graduação, uma delas é a participação nas organizações de eventos, o que contribuiu positivamente em minha formação acadêmica, conferiu-me mais a autonomia e protagonismo e, sem sombra de dúvidas foi uma experiência positiva, tanto para a vida pessoal como profissional.

O convênio Internacional e Interinstitucional entre o Brasil e a Colômbia, possibilitou a troca de experiência e ampliou nossos horizontes, buscando novas perspectivas de uma formação humana, pois foi na oportunidade de recepcionar educandos vindos da Colômbia em minha casa, compartilhando meu lar, meu alimento, minha cultura, entre tantas outras coisas típicas do nosso país, que experimentei a reciprocidade quando fui à Colômbia.

Espero que futuramente outros educandos tenham essa mesma oportunidade, que busquem na Universidade suporte para vivenciar o saber de novas culturas e realidades.

Dentro do estágio o contato com temáticas relacionadas à educação inclusiva e a relação professor e aluno, foi algo que me marcou muito. Muitas inquietações foram levantadas ao longo do processo e ao estudar sobre inclusão não supunha que

viveria essa realidade e que toda experiência adquirida, iria me orientar pelas inquietações que estavam por vir para mim e minha família.

O direito à educação inclusiva sem dúvidas é uma batalha travada há muito tempo por pais que lutam pela inclusão desses menores em escolas regulares e esta luta, que agora também passa a ser minha, é apenas um dos processos, não acaba por aqui, sei que é só o início de uma longa jornada.

Sou grata por ser uma mãe de Autista que teve da Universidade o apoio e um acolhimento todo especial de professores e colegas. Cada palavra, cada conforto e carinho, com certeza, significa que não estou sozinha nessa, que existem professores e futuros professores que também lutam por essa causa.

O desenvolvimento desta monografia foi desafiador, me propiciou uma reflexão sobre a profissional que quero ser, percebo na Daiane de hoje uma maturidade que a de quatro anos atrás não tinha. Antes da Universidade eu era dona de casa, mãe e esposa, esquecendo um pouco de mim mesma, vivendo oprimida dentro do próprio lar. A cada momento vivido nesta Instituição descobria que sou capaz de construir minha própria história, enfrentando barreiras, preconceitos e a desvalorização. Hoje sinto-me liberta, uma nova Daiane, uma nova mulher dona de si, empoderada, capaz de contornar situações e conquistar o meu próprio espaço.

A escuta atenta é algo que levarei para a vida, aqui eu fui ouvida e aprendi a ouvir meu próximo, o que faz com que tenha uma visão de professor que sabe identificar os saberes do educando, que valoriza a sua experiência de vida.

Temos agora alguns desafios a ultrapassar na educação brasileira, especialmente, com a conjuntura em que se encontra nosso país. Precisamos urgente alcançar um patamar no qual os alunos não apenas aprendam a decorar e repetir conteúdos, mas, sim, que sejam cada vez mais participativos e construtores do próprio aprendizado. A educação precisa ser desejada e querida pelo aluno como algo bom, agradável e prazeroso. Quando tivermos a educação básica que merecemos, teremos profissionais de educação valorizados no mercado de trabalho.

Sabemos que ao sair da universidade formados, temos uma realidade que pode assustar, mas a carga positiva das experiências que levo me diz que a mudança é possível, especialmente, quando desejamos uma educação de qualidade. Daqui, parto para novas conquistas, desejo dar continuidade à minha formação, no horizonte próximo já vislumbro um mestrado ou uma especialização em Psicopedagogia. Estou só começando!

## 5 REFERÊNCIAS

MOURA, Suzana Paula Pedreira Tavares de. Niterói RJ: : [Http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/n205864.pdf](Http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/n205864.pdf), 2013.

ALVES, Rubem. Conversas com quem gosta de ensinar: Coleção Polêmicas do Nosso Tempo. 25. ed. Guarulhos – São Paulo: Editora Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

[bento.ifrs.edu.br](http://bento.ifrs.edu.br)

[diaadiaeducacao.pr.gov.br/](http://diaadiaeducacao.pr.gov.br/)

[educarparacrescer.abril.com.br/blog](http://educarparacrescer.abril.com.br/blog)

estagio relatorio de estagio supervisionado na séries

[ebah.com.br/content/ABAAE\\_sUAA/estagio-cd](http://ebah.com.br/content/ABAAE_sUAA/estagio-cd)

[mosterezamos.seed.pr.gov.br/](http://mosterezamos.seed.pr.gov.br/)

[www.unipaulistana.edu.br/files/manual-educaa-a-o-fundamental.pdf](http://www.unipaulistana.edu.br/files/manual-educaa-a-o-fundamental.pdf)

<https://jus.com.br/artigos/48333/lei-n-12-764-2012-direitos-da-pessoa-com-transtorno-do-espectro-autista>

SANTOS, Boaventura de Souza. Introdução a uma Ciência Pós-Moderna. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

CUNHA, Maria Isabel da. CONTA-ME AGORA! as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. Revista da Faculdade de Educação. v. 23 n. 1-2 São Paulo Jan./Dez. 1997

[http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/02/PPP-UFPR-LITORAL\\_S et-2008\\_Alteracao\\_Dez-2008.pdf](http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/02/PPP-UFPR-LITORAL_S et-2008_Alteracao_Dez-2008.pdf)

BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 16/7/1990, p.13.563. Disponível em . Acesso em 2/2/2009.

JOUCOSKI, E. Desenvolvimento profissional e inovação curricular na Licenciatura em Ciências da UFPR Litoral. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências) – Universidade de São Paulo, 2015. UFPR LITORAL. Projeto Pedagógico de Curso: Licenciatura em Ciências (Reformulação). Matinhos, 2014. \_\_\_\_\_. Projeto Político

Pedagógico. Matinhos, 2008a. \_\_\_\_\_. Trajetória da Implantação da UFPR Litoral.  
Matinhos, 2008b.